

O governo inglez, em cuja lealdade se fiou Napoleão (que, escrevendo ao príncipe regente de Inglaterra, lhe dizia: *que o reputava o mais generoso dos seus inimigos*), o desterrou para a ilha de Santa Helena, aonde a insalubridade do clima, a falta de exercício, e sem dúvida os desgostos e irritações que todos os dias lhe causavam as violencias de sir Hudson Lowe, governador daquella ilha, que em vez de representar a Inglaterra, preferia fazer o papel de rígido carcereiro, alteraram a saúde de ferro que Napoleão havia recebido da natureza, e no dia 5 de maio de 1821, alli se extinguiu, depois de um longo tormento, a vida daquella que tantas vezes as balas estrangeiras haviam res-  
peitado.

(Continua.)

## UM EPISODIO

DE 1831.

Em uma das ruas d'esta cidade vivia uma pobre e honesta mulher: Rita se chamava ella. Viuva de um simples empregado da alfandega, ella não vivia sinão do seu trabalho, pois seu marido tinha sido um empregado probó. A unica consolação d'esta boa mulher era a sua querida filha Mariquinhas; ella era o seu mimo, o seu idolo. Mariquinhas, a bolla Mariquinhas, era em tudo digna do amor de sua terna mãe, era um anjo de doçura, a sua alma era candida e pura. Oh! como ella era amavel! As suas bellas tranças de ebano, os seus bellos olhos faziam lembrar as hours do paraíso do propheta, o seu semblante tinha a pureza da virgem de Raphael, e sua bôca era uma roza cheia de perolas. Mariquinhas teve por companheiro de infancia a Julio, afilhado de sua mãe. Julio era filho de um pobre jornaleiro, a sua vinda ao mundo tinha custado a vida a sua mãe. Oh! como o bom Jeronimo chorou a perda de sua amavel companheira, a unica consolação nos seus trabalhos! Ah! pouco tempo teve para chorar, um mez depois da morte de sua mulher, estando a trabalhar na construção de uma casa, cahiu do telhado, e só teve tempo de recomendar seu tenro filhinho ao cuidado de sua boa madrinha. Rita o recebeu e o tratou como seu proprio filho. Mariquinhas, e Julio juntos cresceram, juntos brincaram, e se amaram. A boa Rita via com praser a affeição de seus dois filhos, ella pretendia unil-os, mas es-

perava tempos melhores, nem Mariquinhas, nem Julio tinham fortuna, e ella tinha bastante razão para não consentir na união de seus filhos, união que os faria desgraçados, pois não tinham meios de subsistencia. Logo que Julio teve idade sufficiente, fôz o de entrar de caixeiro em uma taverna em frente de sua casa; assim Julio podia ver todos os dias Mariquinhas. Seis annos assim se passaram. Julio já estava socio de seu amo, e em breve tempo pretendia unir-se a sua Mariquinhas. Todos os momentos que Julio podia roubar a suas obrigações, elle os passava junto de sua amada: todos eram felizes. A boa Rita chorava de praser quando via os seus dois filhos juntos. Só uma cousa affligia o coração de Julio, era a tristeza em que ás vezes achava Mariquinhas sepultada. Em muitas occasiões perguntou qual era a causa d'esta tristeza, porém ella sempre illudiu a sua questão.

Passava constantemente pela rua aonde morava Mariquinhas um d'estes homens, que vivem sem se saber de que, vadio por profissão, e frequentador de botequins; um d'estes phenomenos de nossa sociedade. José não tinha officio, sens paes nada lhe deixaram, no entanto elle vivia, e vivia bem. As graças de Mariquinhas fiseram impressão em seu coração deboxado, e elle jurou a todo o custo possuil-a. Quanto não soffria a pobre Mariquinhas com as continuadas importunações de José! Ah! si fossem só importunações? Mas não, José conhecia o amor de Mariquinhas por Julio, e tinha jurado vingar-se!

Um dia, dia de horror, e execração para todos os Brasileiros! Dia 14 de julho! Soldados ebrios e indisciplinados, soldados emfim, que já tinham feito uma revolução, levantaram a voz de sedicção!! Dia trez vezes maldito! dia de assassinatos!... Partidas de soldados corriam as ruas da cidade se meando o horror e a consternação: ninguem se julgava seguro em sua casa; as portas eram arrombadas, o direito de propriedade menoscabado, a honra das familias insultada. . . . A anarchia reinava soberana na capital de S. Cruz! Um bando de 20 a 30 soldados entraram em uma taverna: — Queremos vinho! — foi o grito geral. O caixeiro palpitando de medo corre a buscar o vinho, e o offerece em cima do balcão.

— Venha uma meza!

— Apoiado! apoiado! venha uma meza.

O pobre caixeiro corre a procura de uma meza.

— Anda mais depressa, sinão eu te

farei uma clava na ponta d'esta bayoneta! Venha o vinho! todos se sentam ao redor da meza. — Venha o vinho! venha o vinho! venha o vinho! todo quanto houver de vinho! — Venha o vinho! venha o vinho!

— Venha o vinho! venha o vinho!

— O gallego, traz um presunto?

— Venha o presunto, paes, tudo,

tudo quanto houver, nós somos os defensores da patria!

De todos os lados se lançavam sobre os comestiveis, o vinho corria por cima da meza: as bayonetas, e espadas serviam de facas; os dedos de garfos, as barrêtinhas serviam de copos a esta soldadesca indisciplinada, que desprezava as leis da sociedade, e fazia tanto caso da civilisação como de um cão morto!

Não se ouvia mais, que um tumulto prolongado, amalagama confuso de dentes que estrafegavam a comida, os estalos dos beiços que soboreavam o vinho, depois a bulha dos copos, que batiam uns nos outros e se quebravam, as risadas, as palavras derramadas aqui e ali, as blasfemias, o som metálico das espadas batendo uma contra a outra! tudo isto junto fazia um concerto infernal!

— O' la, gallego, vem fazer uma saude!

— Venha o gallego p'ra cima da meza fazer uma saude a liberdade! venha o gallego! venha!

Oito braços apoderam-se do misero caixeiro, quasi morto de susto, e o posaram em cima da meza.

— Toma lá esta barretina cheia de vinho, bebe-o todo em saude da Patria!

O desgraçado todo tremulo pegava na barretina, e quer levá-la aos beiços, mas o seu tremor é tal que deixa cahil-a!!!

— É pé-de-chumbo! não quer beber á saude da patria!!! — Uma bayoneta atravessa o peito do infeliz, e o faz cahir morto sobre a meza!!! seu sangue mistura-se ao vinho, que não deixa por isso de ser bebido!!!!

Era uma orgia! uma completa orgia!!! Um só individuo passeava pela rua.

Elle parecia meditar, seus passos eram designaes, seus olhos brilhavam com uma luz satanica; emfim tudo n'elle denotava uma profunda agitação. Este individuo era José, o amante desprezado de Mariquinhas. Depois de ter passado trez vezes diante da taverna aonde estavam os soldados, diz: É preciso gar-me! Ella ama a Julio. Dev veitar a occasião! Elle apr para a porta da taverna, e g

maradas, o vinho d'esta caza não presta, sigam-me si querem beber bom vinho. — Estas palavras foram um poder magico: todos os soldados levantaram, porém os cabanos ficaram da meza, outros rolavam até ao fundo da rua. A muito custo José conseguiu que doze o acompanhassem.

— Viva a liberdade!

— Viva a patria!

— Morte aos chumbos! vociferava a turba bebada.

— Morte aos chumbos! repetiam os que estavam no meio da rua com a cara na lama. José seguido de seus dignos companheiros dirige-se para a casa de Julio!!!...

— Mariquinhas, que gritos são estes?

— Não sei minha mãe: talvez sejam os soldados; eu ouvi dizer que elles se tinham revoltado.

— Oh! não admira: cesteiro que faz um cesto, faz um cento. Chega a janella e vê si elles vem para cá.

— Oh! elles caminham para cá!

— Minha filha, faz signal a Julio que feixe a porta!

— Eu não o vejo, sem dúvida está dentro.

— Tu ouves que gritos dão elles?

— Elles gritam — viva a liberdade!

— Oh! Liberdade! ella é a capa de velhacos.

— Morram os chumbos!

— Morra Pedro Panaca!...

Julio ouve os gritos dos sediciosos, quer feixar a porta, foi tarde!!!... José á frente dos soldados entra em sua caza.

Julio temendo exasperar mais os soldados serve promptamente.

— Bello vinho! diz José, toma dinheiro gallego? Na mão esquerda tem um punhado de dinheiro, na direita uma bayoneta! Julio estende a mão para receber o dinheiro, no mesmo instante uma bayoneta brilha a seus olhos, e antes que elle tenha o tempo de fazer uma reflexão, o ferro atravessa sua mão, e vai cravar-se uma polegada no balcão!!!...

Mariquinhas viu tudo de sua janella!!

— Bravo! bravo! vociferam os soldados!

— O gallego é papagaio, está preso!

— Da cá o pé meu loiro?

— Imames! monstros! eu sou Brasileiro! e é assim que me tratam! gritava Julio! exforçando-se para arrancar a bayoneta.

— Morram os pés-de-chumbo! res-  
ta a turba.

Julio tinha visto tudo! uma

não veio refrescar seus olhos!

uma revolução operou-se em

todo seu ser, o sangue subiu-lhe á cabeça, as veias das fontes pareciam rebentar! e sem atender aos gritos de sua mãe, ella precipita-se na rua, e corre para onde estava Julio.

Oh! como Mariquinhas era digna de compaixão! Os seus bellos cabelos caíam desgrenhados pelas suas costas; seus olhos estavam fixos, e no seu semblante via-se uma horrivel contracção nervosa! Oh! quanto era digna de piedade!!! ella não podia chorar!!!

Os soldados a deixam passar, e recuam atemorizados como diante de uma aparição sobrenatural. Mariquinhas, a bella Mariquinhas fazia medo!!!

Ella chegava junto a José no momento em que este cravava a bayoneta no coração do infeliz Julio.... Frenética e furiosa, lança-se como um raio sobre José, e enterra seus dentes de perolas em suas faces!... Dois gritos se ouviram.

Um, grito de morte, o outro foi um rugido de hyena, um grito de condemnado, um grito como não se ouve si não no inferno!!!... depois uma gargalhada! uma gargalhada secca, anhelante, estridente, uma gargalhada como dão as fúrias quando terminam uma obra de mal!!!...

Era Mariquinhas!

Horror!!!

Ella estava doida!!!!...

L. C. M. P.

## MISCELLANEA.

### MILAGRE DA POLICIA CORRECCIONAL DE PARIZ.

Redez comparece perante o tribunal, accusado de vadio: o guarda municipal insta com elle para que se sente no banco; porém Redez oppõe uma resistencia tão politica como energica, e voltando-se para o tribunal com ar supplicante, dirige aos juizes em geral, e ao presidente em particular, reiteradas corteziás, que elle julga a proposito acompanhar com uma expressiva pantomima. Cada um pergunta a si mesmo o que isto quererá dizer, quando elle, tirando d'alguibea uma carta, encarrega um official de justiça de a transmittir ao presidente, que passa a fazer a sua leitura. D'ella resulta que Redez, dizendo ser atacado de uma terrivel paralysis na lingua, pede ao presidente que tenha alguma contemplação com a sua enfermidade, no seu

interrogatorio, e que lhe permita responder por accenos, o que elle promette executar o melhor que lhe fôr possível. Logo que se annuiu á sua supplica, o accusado, que parece mais tranquillo, arregaça as mangas, e prepara os dedos para representar o seu papel.

O presidente pergunta-lhe o nome, apellido, e morada.

O accusado estende o index, e aponta para a carta que acaba de entregar.

O presidente: Que occupação é a vossa?

O accusado pega nas abas da cazaca, e põe-se a imitar um homem que coze por costume: o que faz conhecer ao auditorio que Redez é alfaiate.

O presidente: Fostes prezo como vadio, e ainda não vos foi possível justificar domicilio algum, nem se vos acháram papeis alguns?

O accusado abana a cabeça d'um modo negativo, leva muitas vezes a mão á boca, como um homem que está a beber, tremem-lhe as pernas para mostrar o seu estado de embriaguez, e descança a cabeça sobre a mão, para dar a entender que tinha adormecido depois de haver bebido.

O presidente: A embriaguez nunca pôde servir de desculpa, não tendes aqui pessoa alguma que vos queira reclamar?

O accusado surri-se com desdem, imita o andar de um bom velho, finge cavar na terra, depois lança ambos os braços para diante, e repete muitas vezes consecutivamente este accionado, que quer dizer, que tem pae, já velho, lavrador, é que mora muito longe, muito longe.

O presidente: Com effeito, uma carta que acabamos de receber da vossa terra, nos annuncia que um de vossos parentes vos manda uma somma de 50 francos (80000 réis) que o carcereiro tem á vossa disposição.

O accusado, abrindo muito os olhos: Olé, snr. presidente, si assim é, peço que me mandeis soltar (admiração no auditorio).

O presidente: Então, como recuperastes vós de repente a palavra? (Risada).

O accusado, com ar simples, o que me desprende a lingua foi esta boa noticia, e agora adeus paralysis (Nova risada). Tende a bondade de me pôr em liberdade, meu presidente; pois o meu crime não é grande, e para correcção bem basta o que basta. Agora que me vejo á testa de 50 francos, como dizeis, já não posso ser considerado vadio. Com 50 francos tenho pelo me-